

embora sem concordar plenamente com toda a filosofia nietzscheana.

Há muito, enquanto discutiam assuntos como a liberdade de espírito ou algo igualmente elevado, não se esqueciam de citar a possível publicação dos pensamentos do professor; falavam do futuro dos livros do filósofo; tratavam o assunto como uma coisa muito importante a ser revelada. Blake, homem sensato, não tinha espírito elevado a tal ponto o qual permitisse concordar com todas as ideias de Nietzsche. A filosofia de Friedrich Nietzsche afirmava que Deus já estava morto no coração de todos, que as pessoas mataram o evangelho ainda na cruz. Isso, para o poeta, não era fácil de digerir, embora sentisse uma grande admiração pela coragem do pensador. Para o poeta, excentricidade, por vezes, era sinônimo de evolução, mesmo que não tivesse força para assumir tais quiméricos. As pessoas não estão interessadas em descobrir verdades; e, assumir que duvidava de certas verdades seculares — chamando-as de utopia — poderia representar o seu afastamento de muitos lugares. Para Friedrich Nietzsche, o falso bem-estar da sociedade poderia esperar; revelar os segredos era muito mais importante. Assim, com a atitude tomada, o mínimo número de amigos sempre diminuía.

Sozinho na acomodação, com o opúsculo entreaberto sobre as mãos, o bardo sentia uma indignação na cabeça. A raiva nutria-se exatamente do fato de aquele sujeito do surto na rua, apesar de tudo, de todas as especulações, ainda ser um desconhecido para ele, àquela altura do andar da carruagem. Não havia nome algum, nem informação alguma. “As coisas estão muito paradas para o normal”, pensava. A situação não era simples, muito pelo contrário; provavelmente era um

AO ENCONTRO DE NIETZSCHE

3. O sonho

Sem apetite algum, sentaram-se para o jantar o poeta Isaque Blake e o psiquiatra Girlean Osbourne. Naquela noite, não tinham nem ambiente nem estômago para uma boa refeição. Com um carrancudo humor, despediram-se e o médico caminhou rumo ao endereço de sua residência, que não ficava distante daquela rua. Depois da despedida, Isaque Blake se dirigiu ao dormitório, mas antes tomou um banho quente. Naquela noite, a lareira jazia fria e solitária; o poeta preferiu a companhia da vasta coleção de obras filosóficas, literárias, que ficava sobre a escrivaninha do seu quarto largo e comprido — ultimamente fazia do quarto o escritório. Aquela não era uma noite igual a tantas já vividas. Lá, entre as muitas coletâneas de obras dos pensadores que marcaram a história, retirou um livro que ganhara de presente dois dias atrás; o volume ainda se encontrava dentro de um envelope, onde estava escrito: “Para meu nobre amigo Isaque Blake”. Com o cenho espesso, confortavelmente sentado, abriu o envelope para ver o folhoso: era um livro escrito por Friedrich Nietzsche. Embora Isaque Blake tivesse recebido o presente há aproximadamente quarenta e oito horas, ainda não tinha aberto o invólucro, “certos prazeres necessitam de tempo suficiente para o gozo ser completo”, pensava ele. Era um livro de filosofia, escrito por um filólogo. Nietzsche, doutor em Filologia Clássica e professor universitário, era um amigo excêntrico em seus argumentos. Isaque Blake tinha por ele um apreço desmedido, considerando-o o mais altivo conhecido,

FÁBIO MOTA

— Boa ideia — disse Girlean. — Minha gastrite já dá sinais de ira.



AO ENCONTRO DE NIETZSCHE

Fábio Mota

Editora		<i>Ao Encontro de Nietzsche</i>
LivroPronto		
www.livropronto.com.br		
Editor Responsável		
João Antonio Carvalho		
Produção editorial	Copyright © Fábio Mota	
LivroPronto	Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem a prévia autorização da Editora.	
Revisão		
Larissa Amaro		
Capa		
Rodrigo Rojas		
		livropronto@livropronto.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Mota, Fábio

Ao Encontro de Nietzsche/Fábio Mota

— São Paulo: LivroPronto, 2011.

ISBN 978-85-7869- 259

1. Literatura. I. Título.

São Paulo, 2011

1ª Edição

para mim. Não consigo explicar bem, mas tenho a impressão de que as coisas estão em deformidade; e o pior disso tudo é que se tornou comum, ninguém identifica essa anormalidade. Eu desisto, deixemos nossos semelhantes escolherem seus escombros.

Isaque Blake, em pensamento, andava de um lado para outro na sala, demonstrando claramente que estava concentrado nas palavras do amigo.

— Você, como sempre, continua com razão em seus dizeres.

— Seus votos não valem — disse o médico, quebrando o clima tenso.

— Não é bem assim, meu caro — retrucou Isaque. — Não estou falando como... com meu lado pessoal; é uma conclusão imparcial. Mas voltando ao ocorrido, também estou sentindo o mesmo que você. Veja bem, Osbourne, sinto que o personagem dessa história nos seja muito próximo. Acho que sua intuição, para muitos, inclusive para você, coisa vaga e odiável, já toma conta de minha alma também.

— Imaginei parecer inoportuno em meu comentário, que bom ouvir suas palavras e saber que pensas como eu — falou o outro, tranquilo em saber que não tinha ofendido com seus comentários. — Não levo a sério tais sentimentos, mas fui pedantemente sincero com você. Por isso arrisquei a dizer o que disse.

Isaque Blake, também contente, respirou profundamente, aliviado ao ouvir o que o outro acabara de falar. Poucos minutos depois, observou:

— Certo, mas agora vamos jantar; e, ao menos agora, não tocar mais nesse assunto, essa emoção inconveniente. Já nos afligimos demais com isso.

muito melhor ficar; podemos, ao menos, explorar esse assunto ao ponto de nos cansar. Assim, fica mais fácil de dormir; pode ser que quando eu sair daqui, mais tarde, já tenhamos descoberto de quem é a vida que essa circunstância ameaça mandar para a rua da amargura, se é que isso ainda não tenha acontecido.

— Você tem razão — disse o poeta.

— Obrigado, essa vida sem escrúpulos acomete nossos dias sem dó — continuou Girlean. — E a história desse cavalheiro me parece uma desventura que insinua bastantes impressões pela frente. Eu sei, não dá para ter certeza de nada, mas eu sinto uma sensação estranha, como se soubesse que algo ruim tivesse caído sobre nossas vidas, odeio tal sentimento. Além disso, ficar por aqui, na sua presença, é sempre um deleite para minha alma.

A dupla entrou, de volta, calados, à casa do poeta. O mudo foi interrompido por uma exclamação de Isaque Blake.

— Você continua com as mesmas opiniões, Girlean.

— Resta saber se isso é bom ou ruim, amigo.

— Não acho nem uma coisa nem outra — prosseguiu o poeta — isso é sua poesia; além do mais, são as suas características; não interessa e não cabe a outro julgar seus sentimentos e sim respeitá-los.

— Isso! Também vejo dessa forma. — complementou Girlean Osbourne. — O respeito constitui a base de uma relação duradoura. Não é simples ser você mesmo nesses dias atuais. Tem algo errado com esse modelo onde todos querem uma saúde perfeita, beleza, riqueza e fama; modelo de consumo instintivo; mesmo que seja necessário subjugar a honra e a honestidade — coisas desagradáveis e repugnantes

Agradecimentos

Não posso deixar de agradecer aos amigos que me elevam com suas indizíveis amizades, que compartilham comigo as experiências de suas vidas e me oferecem sabedoria em nossas fecundas discussões cotidianas: Wennes Mota, Francisco Nascimento (Jaílson), José Filho, Girlean Santos, Esequiel Pinto, Wilton Jacaúna, Diêgo Lacerda e Isaque Pinto.

apregoa castigos em pessoas de máxima correção. Nesses anos de vida, já vi muitos casos do tipo. Figuras respeitadas, camaradas que fazem com que se convencionem chamá-lo de bom... Talvez seja isso, mas também, às vezes homens de idade e honestos pagam preços altos demais por condutas exorbitantes na juventude; e um pecado da velhice é esquecer as aflições da mocidade. Essa pode ser mais uma história para um currículo de injustiças desse mundo. Mas nada do que estou a dizer explica o aspecto do acontecido — acrescentou e depois ficou voando em devaneios.

Isaque Blake interrompeu seu silêncio e pensamento, dando continuidade à discussão:

— E você já pensou na possibilidade do homem fazer parte de nosso círculo de amigos?

— Não é uma suposição impossível; nessa cidade, todos os homens nobres, se não o conhecemos pessoalmente, já ouvimos falar ou já o vimos. Com certeza, deve ser alguém de nosso conhecimento — respondeu psiquiatra Girlean. — Provavelmente ele more perto daqui, mas isso logo ficaremos sabendo.

— Bom, acho que você deve ficar para o jantar; com a nova, o dia ainda se perdurará por algum tempo, não? — disse o poeta Isaque.

— Ah, sim; claro, amigo. Não vou conseguir paz alguma com essas questões em minha mente. Sou totalmente escravo dessas circunstâncias estranhas; ainda mais considerando o fato do sujeito poder ser um de nossos amigos. Nem o Juízo Final mexe tanto comigo quanto os problemas terrenos não elucidados. Em minha cabeça, as perguntas, em casos mentais, são torrentes incessantes. Sim, caro amigo, para mim será

alguma coisa o trouxera ali; e talvez fosse essa a dúvida que não se aclarava em sua cabeça. Então, quando todas as pessoas já iam voltando, retomando aos seus destinos, chegou alguém com comentários surpresos. E o que vocês acham que ele falava? Falava que aquele homem... aquela vítima se tratava de alguém conhecido na cidade. Ficou a observá-lo, buscando na lembrança algo que dissesse de quem se tratava aquele senhor; e acabou se lembrando, mas preferiu não mencionar, pois se referia a alguém de grande prestígio e que tal revelação poderia não ser boa para a vida particular daquele coitado. Mas segundo o estranho, era um nome bastante conhecido, sem ser daqueles que saem muito nos jornais. O estranho, se realmente estiver com razão, confirmará minha previsão. Tomei a liberdade de chamar a atenção do estranho; ele não parava de lamentar, como fiéis que gritam nas igrejas, como se Deus fosse surdo. Numa vida sã, ninguém se atreve a gritar para um Deus que está presente e sabe de todos os pensamentos. Ele, então, conteve-se em seu silêncio, com uma cara de desprezo: “certo, vou me calar”. A essas alturas, o pobre do cavalheiro desorientado já saía andando às pressas, como se alguém o seguisse para matá-lo; e, então, todos saíram: o cavaleiro, o policial, a família do dono do cavalo, o resto da multidão e eu, cada um em direção a seu aposento. E agora aqui estou e já vou indo, adeus.

— Quem terá sido o sujeito imolado por tal desastre? — reiniciou o poeta Isaia Blake.

— Pelo que vejo, estamos com os mesmos sentimentos — disse Girlean Osbourne. — De fato, é um caso estranho. Quem terá sido esse homem, um sujeito que carrega um nome importante na nossa sociedade? A vida tem dessas coisas,

À Valéria Mota

que, em outra situação devia ser um cavalheiro, despertou em mim aversão e repulsa na primeira vista, mas logo senti pena dele. O que impressionou, na verdade, foi a atitude do policial. Era do tipo prático e nada convencional; por sua aparência, era fácil definir sua idade: uns trinta e cinco anos; tinha uma estatura forte e bem definida, não tinha emoção nem em seus atos nem em suas palavras. Pois bem, ele estava num ambiente exatamente o contrário de todos nós; ao olhar para aquele homem em transe, via um ser que precisava de ajuda, e não sentia medo algum do cavalheiro que agia de forma esquisita. Eu não sei dizer direito onde o guarda achara tanta frieza; e, como as coisas já estavam se sossegando, as pessoas, muito lentamente, abancaram todos em seus destinos. E lhes digo mais, esse desgraçado homem pode esperar o alarde que a mídia virá a fazer em torno do sucedido. O nome dele vai sair nos jornais de toda a Basiléia; e, que se ele tiver parentes próximos ou gozar de algum conceito, por tal falta de sorte, ele haverá de causar um grande espanto. Isso mesmo, além de passar por isso, é possível que outras ruínas caiam por cima dele; pois, pelas vestimentas que usava, não deve ser “um qualquer”, que vive sem família ou amigos. Nunca vi um cavalheiro com pose igual numa situação triste como essa. No meio, jazia o homem, com uma expressão de perdição total; olhando ao redor, assustado; era fácil de perceber, encarava a situação com uma dúvida no olhar, verdadeiramente desorientado. “Por que todas essas pessoas estão a me olhar?” - disse ele, sem entender o que acontecia. “O que foi acontecer comigo, o que estou fazendo aqui?” Vejam bem, o policial tentou argumentar com ele, numa frustrada experiência. Estava claro, na cara, que ele não era do tipo de homem que gosta de um escândalo, mas

— Bem, como foi mesmo?! Já sei, lembrei — então continuou. — Quando eu passava por ali, vinha um homem bem vestido, mas de andar esquisito, que pegava o caminho que encontrava e ia para qualquer rumo, a largas passadas; e outro homem estava na transversal da esquina, açoitando um animal, um preguiçoso cavalo; então, vem agora a parte estranha da história. Bem, o homem que vinha desorientado, quase correndo, caminhando o mais depressa que suas pernas permitiam, de forma imprevisível, começou a acariciar o animal: chorava bastante enquanto fazia isso. É um fato que contando assim, não dá para se ter uma ideia da realidade, mas é muito estranho ver uma coisa dessas, acreditem. Nem parecia um homem são; acho que ele estava louco. Aos gestos dele, eu saí correndo e fiquei a observar à distância. O cavaleiro, estático e abismado diante de cena, tentava acalmar o sujeito descontrolado; tentava, em vão, abrandar os gestos bizarros. A essa altura, o local já se encontrava cercado por um grupo de pessoas. Ao poucos, o sujeito louco ia se mantendo controlado e não oferecia mais resistência à ajuda do cavaleiro, mas ainda nos lançava olhares esquisitos, que dava muito medo em quem o observava. As pessoas que estavam presentes, em sua maioria, não conseguiam fechar a boca. Pouco tempo depois, um policial, atendendo um chamado, chegou rapidamente, talvez pensasse que seria um delinquente, mas logo viu que não era. O guarda apareceu do nada. Bom, o policial, acostumado à situações do tipo, característica da ocupação, foi logo acalmando a todos, explicando que o homem já estava bem, e que o ocorrido teria sido apenas um incidente. Vocês, talvez, possam pensar que o caso finaliza aqui, mas o que acontecera fora curioso demais para terminar simples assim. Aquele sujeito

Sumário

1. A carta, o início	11
2. O surto	19
3. O sonho	31
4. A renúncia	45
5. A carta, o meio	51
6. O poema	61
7. A depressão	75
8. O suicídio	87
9. A explicação	109
10. A carta, o fim	117
Nota do autor	131

passara alguns minutos sem que as pessoas — ou ao menos um só alguém — se separassem daqueles contingentes visitantes. Pelo jeito, devia ter acontecido um estrago difícil de consertar.

Girlean Osbourne e o poeta estavam parados do lado esquerdo da rua, o lado oposto ao movimento; e, olhando fixamente para o curioso acontecimento, começaram a se libertar da inércia e do espanto causados por aquela situação, por aquela surpresa.

— Você tem noção do que está acontecendo? — perguntou Girlean Osbourne.

Diante da negação, feita com o balançar da cabeça do comparsa, continuou com uma suposição:

— Algo me diz que não se trata de um fato corriqueiro.

— O que achas? — falou o poeta, com a voz levemente comprovando a curiosidade que o tomava. — Diga o que pensa.

De repente, interrompendo o devaneio que se iniciara numa conversa dos companheiros, com mais ou menos uma meia hora de espera, às seis da tarde, onde já se via o manto da noite impor o seu véu escuro, ia voltando para casa uma senhora de meia idade. Com as luzes dos postes acesas, dava para ver bem o caminhar da mulher; ainda, de vez em quando voltando os olhos para trás, ela parecia que descobrira algo do tipo da coisa onde Judas não foi o traidor, e sim, o escolhido por Jesus. A procissão, que pelo tempo transcorrido devia estar cheia de informações — provavelmente inúteis, como as rezas e orações nas igrejas — começava a dar indícios de exaustão. Então a mulher que se chegava, notando a curiosidade nas faces dos homens parados à sua frente, sem esperar muitas perguntas, começou a contar e explicar o ocorrido:

que nunca cansariam de sempre querer mais, o que acontece com aqueles que conhecem o desejo do poder e se perdem na vontade de potência. Faziam parte da classe alta da cidade, por isso as casas tinham fachadas decoradas com a última moda, como se quisessem dizer a quem passasse que ainda estavam na ativa dos negócios corruptos, que poderiam comprar a lei e ninguém mais os importunaria. Mesmo aos fins de tarde, quando o cansaço abate os ombros de todos e o corpo implora por descanso, e já não há força para manter atenção às vistas exageradas e a passagem fica mais apressada... não... não era possível passar por lar sem notar os excessos. Era lindo e ao mesmo tempo imundo, pois o lugar tinha um aspecto de paraíso cercado pelo inferno. Por isso era impossível não ser cativado pelas imagens das muradas, pelos caprichados jardins e pelas burladas fachadas que queriam, a qualquer custo, demonstrar poder.

Logo após a mais próxima esquina, à direita de quem se dirigia para o oeste, a sequência da visão que se projetava era interrompida por um amontoado de gente, comentavam aos cochichos algo ocorrido. Caminharam os dois em direção àquele ponto, em sentido à sinistra aglomeração. Durante seus andares, nada mudara, e a multidão não se dispersara. Nada se via. O amontoado de pessoas não abria passagem; em vez disso, formavam uma parede larga, sem espaços. Nem por cima, nem por baixo. Tudo ali indicava uma abominável e prolongada descuida. Uma porta há tempos aguardada pelos homens não se abria nem de um jeito, nem de outro. Com o que poderia parecer aquilo? O que haveria de tão importante a ser observado? Os dois homens, no entanto, não arriscavam em se aproximar demais. E, parados a certa distância, já se

1. A carta

O início

Nem sei se verdadeiramente os seja cogente; contudo, mesmo assim acho que lhes devo meu depoimento — antes que anoiteça dentro deste compassivo corpo. No bitolado, nebuloso, indesejável e incivil, insidioso, remoto, perspicaz e audaz caminho pelo qual andei, sem importar-me se alguém notou — sinto que é importante lembrar — talvez tenha adotado um comportamento distante, diferente dos que os mais nobres desejam para seus prazeres. No entanto, por uma visão, outra visão; particular, notadamente particular; longe, bem longe das chagas da moral e da ilusão que a todos acomoda, jamais poderia eu negar a grandeza dessa peregrinação.

Os passos, largos passos, com o devido cuidado cultivados, porque a pequenez da minha época exigiu, refleti bastante sobre, foram sim necessários, cruzaram uma estrada de grandes e tortuosos espinhos. Eu, no meu eu mais profundo, sofri por escolha. Foi preciso adentrar palácios que os mais fortes guerreiros nunca ousaram, mas com meu sangue escrevi — como o mundo ainda compreenderá — a póstuma filosofia.

Eu, por excelência, sem meias palavras, considero-me o sábio dos sábios. Posso ter o pior defeito, mas não no mundo do pensamento. Talvez o jeito alegre de ser, que desperta o regozijo e a simpatia nos outros, tenha sido meu maior defeito, mas conciliar o bem-estar de outros com minha vontade de poder mais, mais e mais, não é tarefa simples para um espírito que conhece as montanhas.

Minha cabeça erguida, meu desprezo a todos que ocultam seus deleites, em nome de uma vida que um sonhador há séculos prometeu, diz um pouco do que me tornei. Minha natureza para o proibido, para as aspirações mais altas e o martelo que carrego contra a mórbida vergonha que a humanidade orgulha-se de transportar falam bem melhor quem sou eu.

Há tempos reflito profunda e inveteradamente sobre todos os males que as crenças no nada e na negação já causaram aos moribundos, incansáveis e tristes seres que trocam essa vida em nome de outra que não sabem se existe; entre esses males, o especialmente nocivo é o platônico do cristianismo. A recusa à felicidade, em troca de outra vida, sempre essa mentirosa promessa, que a todos corrói o cérebro, foi um dos maiores enganos encontrados; sim, a ideia de paraíso, o medo da solidão e a covardia ante ao desafio do viver são as bases do indeferimento à vida. E a tremenda consequência disso é que me encontrei, quebrando todas as enlaças e mergulhando no mais recôndito e atroz mundo da escuridão, para buscar os tesouros perdidos.

Os rumos que meus pensamentos tomaram, numa estrada de pedras, que furaram meus pés descalços, que ficaram sangrentos e depois calejados, levaram-se a uma intensa luz, trazendo meu raciocínio para além da razão pura, trazendo-me a perene calma psicológica. Admito o presumível argumento de que nada tenha sido fácil, pois a cada dia fora preciso, antes de qualquer coisa — além do bem e do mal — cortar as próprias veias e se alimentar.

A verdade esconde-se debaixo de grandes seixos e sua revelação exige força para rolar pesadas rochas. Mas depois que nos encontramos acomodados no alto da colina, acima

personalidades eram inversamente proporcionais, mas Blake, acreditando numa força que somente ele via, não mediu esforços e não descansou enquanto a amizade não prosperou. Ninguém os via juntos em seus encontros; quando sentados na sala de estar do poeta ou na do médico, ou em lugares recolhidos — os preferidos — não paravam de conversar, não faltavam assuntos. O que faltava, na verdade, era tempo disponível em suas lotadas agendas. Os plausíveis ensejos que os unia? Quem sabe o gosto pela arte, a arte literária, devido aos seus universos de emoções e paixões. Parecia, de modo particular, naqueles infáveis instantes, que no mundo não existia tédio. Era evidente a felicidade quando seus olhos se encontravam; por isso, os dois tinham tanto apreço por suas excursões pelas baratas filosofias de seus cotidianos e apreciavam as afluências como ninguém jamais conseguiria entender. Para desfrutar as ocasiões sem interferências, trancavam as portas ou iam a lugares sem movimento algum: era quando e onde realizavam plenamente suas personalidades. Suas almas poderiam andar nuas ou sentirem fome, mas não hesitavam em pensar em coisas mais importantes, preferiam os encontros.

Um dia à tardinha, no entanto, com o crepúsculo já anunciando a noite, quando se despediam, os dois se depararam com uma cena que, embora não desconfiassem, marcaria suas vidas para sempre. O poeta, que morava numa rua de um bairro nobre de Basiléia — numa rua onde a paz, o silêncio e a calma reinavam por muitos anos, intocados, dir-se-ia a mais apaziguada do bairro — percebera que as coisas já não demonstravam mais ser como antes. Com um ar convidativo, o bairro abrigava moradores ricos, pessoas que nasceram no luxuoso mundo da riqueza, que tinham muito dinheiro, mas

vida real, era um declarado amante do teatro; uma presença prazerosa para seus semelhantes. Com forte controle sobre as influências do álcool, suas investidas noturnas nunca passavam da hora marcada. Seu coração bom, que sempre se dispunha a ajudar, era um forte ombro para aqueles que se encontravam na ruína. Por causa do seu jeito carismático, era em todo caso o primeiro a ser honrado, o bom exemplo para aqueles que não mais viam sentido em fazer a coisa correta — era com essa postura que ele se apresentava, sempre com fraternas atitudes.

Nunca fora fácil encontrar pessoas como o ilustre poeta, homem de original e luminosa poesia moderna. Mas seu modo de ser era jovial e, se alguma mágoa fizesse parte de sua vida, ele conseguia com maestria deixá-la restrita às entrelinhas de seus poemas, pois suas amizades baseavam-se em uma bondade generalizada; e o acaso, por vezes, ainda gostava de colaborar com as características deste modesto homem, trazendo adequados ambientes que possibilitavam aceitar com alacridade o círculo de amigos apresentados pelo destino. A maneira de ser do trovador era algo digno de ser lembrado por muito tempo. Seus amigos mais próximos eram poucos: aqueles que conhecia no seu amado mundo acadêmico; mas sua presença era desejável a todos, por isso mantinha fraterna convivência com muitos. Para ele, os afetos precisam de oportunidades para conseguirem crescer e transpor a barreira do tempo, por isso sempre dava bastante importância às paixões momentâneas. Possivelmente, considerando as peculiaridades de sua graça, seria isso que elucidava o laço que o unia a um antigo e querido amigo, com o qual estudara na mesma universidade, Girlean Osbourne — também amigo de Nietzsche — psiquiatra dono da Clínica de Basiléia. Suas

do voo da águia, outras pedras começam a rolar com mais facilidade; pois hoje, meu conhecimento de causa, que vai além do que o comum pode observar, transformou-se num espírito com asas; fui — aventuro-me a dizer — aonde outros ainda custarão a chegar.

O homem, que até agora fora conhecido como simples criatura multiforme que deve apenas obedecer, posteriormente — após entender e envolver-se de minhas palavras — perceberá o poder avassalador das mentes livres. Eu, de minha parte, devido ao caminho de torturas que cruzei, e do ar puro que encontrei, peço que não me sigam, mas façam os seus próprios destinos.

As proezas dos antepassados, outrora grandes feitos, caem por terra a baixo. Já é tempo de reconhecer e deixar de lado os conceitos primitivos e não mais negar a natureza que pede para viver; e não mais deter o prazer e não mais surtar em devaneios e não mais separar os elementos que se fundem em corpo e alma. Mas não sejas como este pensador, não repita meus passos. Em conversas com meu íntimo e íntegro gêmeo, eu não canso de repetir; na peleja tentativa de mostrar a todos o vazio no qual encontramos e a penitência indevida que praticamos — atos intrinsecamente acionadores do sofrimento.

A maldição da humanidade está exposta em feixes incongruentes nas palavras dos padres, pastores e todos os destes tipos que advogam para a desistência do deleite carnal e a vontade natural. São esses os males que entram no útero da consciência e mortificam os desejos mais reais e criadores. Porém não tardará, e a esperança livre de grades, novamente — se é que já existiu — acender-se-á. Voltaremos, para o bem de todos, a cultivar as esperanças perdidas nos confins das mentes, desde cedo, corrompidas.

Uma vez estava eu em atividade de ponderação, quando nos labirintos de minha memória acendeu-se uma luz, que muito brilhava, a respeito destes males seculares. Foi quando comecei a perceber o que jamais um pensador pensou: a vibrante fugacidade ligeira dessa história mentirosa que sustentam até os dias atuais. Todas as promessas, nada ainda aconteceu; pelo que vemos, nunca nada acontecerá.

Tudo, aparentemente tão sólido, como o chão que pisamos, cai por terra; tudo mesmo, como se fosse derrubado por um vento em tempestade sob mares revoltos. Nesse estado em que cheguei, pude constatar e também desconectar a fraqueza do revestimento podre que abraça os enganados; no entanto, sei — muitos ouvidos não estão preparados para mais aprofundamentos. As razões, algumas posso confessar: ainda acreditam que a vida seja um fardo difícil de sustentar; e, ainda, não estão prontos para nem sequer prestar ouvidos às minhas músicas, que parecerão sempre incompletas; irrefutavelmente, garanto tal verdade.

Basta, portanto, saber que já encontrei novos ares e ambientes propícios para uma saudável respiração e entreguei-me ao natural e à aura resplandecente das forças que compunham meu espírito livre, no mais agitado vigor; e não só isso; deparei-me também com a receita que vai permitir às forças do novo homem, o super-homem, incluídas toda a supremacia de uma viagem consciente, derrubar a forma fraca e o semblante decaído da raça humana — dores que a leva ao ponto mais baixo que a alma pode chegar.

Confesso que hesitei um tanto antes de submeter minha filosofia ao teste e apresentá-la à vida cotidiana das pessoas. Eu sabia muito bem o risco que um pensamento porvindouro

2. O surto

Herdeiro de uma grande fortuna, o poeta Isaque Blake era um dos poucos amigos de Friedrich Nietzsche; e mesmo que seja difícil de imaginar, tinha características totalmente contrárias as do dionisíaco filósofo. Boêmio literário, naturalmente era habituado ao caráter e ao respeito dos sábios e homens sensíveis; talvez fosse nesse sentido que mantinha a relação duradoura com o pensador de espírito livre. O poeta era um homem que parecia não ter problemas. Em seus atos diários, demonstrava não ter defeitos, pois seu temperamento paciente e alegre era de um tipo que fazia quem o conhecia, muito feliz. Nietzsche não era amável como tal. Com alegóricas adversas as do amigo, tinha um imperioso jeito de andar com as sobancelhas erguidas e adotava, diante do público, uma atitude severa — fora das expectativas de quem o observava; não era do tipo que admitia qualquer influência externa em sua vida. Tinha por natureza um ar perfeitamente independente, como se tivesse estampado acima de seus supercílios que era dono de si mesmo; mas Isaque Blake não conseguia deixar de gostar dele. Nas escassas reuniões na casa do poeta, escassas apesar do grande apreço que davam às conversas, era quando demonstravam a maior felicidade; ao efeito do vinho, a bebida que regia os papos, enquanto em seus olhos brilhava a mais humana satisfação. Na verdade, aqueles momentos jamais poderiam ser traduzidos por palavras; as imagens risonhas nos seus rostos não conseguiam chegar a se expressar nos vocábulos que eles diziam. Isaque Blake, embora optasse pela

representa para as massas, pois todos estão viciados a uma droga tão forte que controla e abala, mágica e impiedosamente, as suas próprias estruturas como se um ladrão há tempos houvesse roubado o seu habitat natural; e tirar uma minúscula porção, um pouco da dose, poderia ser como um atropelo imaterial que empurraria todos para um subterrâneo, ainda mais, profundo.

Mas já não havia outro caminho, não contive meu desejo. O orgulho pela percepção do eterno devir, uma nova forma de pensar, coragem tão especial e profunda, acabou dominando os argumentos receosos. Havia anos eu vinha me prendendo a um mundo pequeno, mas consegui acordar desse sonho louco que a todos ilude; e o momento era único, com uma ousada inspiração publiquei, eu próprio, não em muitas quantidades, e nem me importava com isso, alguns revolucionários livros. Sabia que seria o último, em qualquer circunstância, a ser lido. E assim, lançando-se ao desafio, certa vez, de súbito, coloquei as ideias num papel, paguei um editor e já tinha me apresentado ao público.

Então sobrevieram as ridículas críticas. Pouco comentário no meu mundo acadêmico, pouca coisa no dia a dia das pessoas, e foi então que provei minha desconfiança. Para mim, foi como se fosse um nascimento, que de certa maneira o era; ou como se algo estivesse morrendo, que de certa forma também o era, pois estava a nascer uma filosofia e começava a morrer um embuste. A poeira do pequeno barulho causado, aos poucos, foi voltando ao seu antigo lugar; a poeira assentou-se, calmamente, ao velho passado decadente. Não sabia se qualquer coisa havia mudado, mas minhas sensações eram de alívio e calma e um pouquinho só de decepção, apesar

de o resultado ser esperado. Há tempos, lembro-me, sentia-me mais leve, vigoroso e psicologicamente bem; por minha cabeça, já navegava a excitação do eterno retorno, as forças do universo permitiram o que, mesmo sendo difícil de confessar, despertou-me certo medo. O espaço sideral de minha cabeça exibia agora novas sensações, outras imaginações e conclusões, como se um orgasmo eu estivesse a sentir, uma novidade há alguns anos esperada.

À primeira respiração de minha inovação, eu soube que não seria mais aceito como antes, pois fiquei mais intenso, com os pensamentos milhões de vezes mais potente; totalmente imerso em minha tarefa de construção de uma ponte para o belo original. Esse estado que se projetou como o efeito de um bom vinho tinto — naquele instante — embriagou minhas ideias e levou-me ao encanto da flauta e da dança de Dionísio, era uma noite de estrelas. Então observei aquela fragrância perfumar o ambiente; diante do meu novo olhar, via um universo superior de liberdade, de felicidade.

Sozinho em meu quarto, numa pensão (pois eu estava em viagem), ainda deitado, eu olhava o teto, mas o que via era o orgulho exibido por estes olhos que os vermes subterrâneos não hão de demorar a devorarem. As horas tardes já haviam anunciado a madrugada que, leve, avançava a uma manhã jovem, apesar de o mundo ainda não estar maduro o suficiente para a concepção daquele novo dia. Os outros hóspedes da pequena hospedaria encontravam-se afundados nas mais intransigentes horas de sono; enquanto eu, transbordante, em êxtase profundo, maravilhava-se oculto em meu quarto; de minha intensa resplandecência, do brilho em meu semblante. Ainda no escuro, saí do meu aposento e atravessei a frente

do casebre, na insone felicidade. Esgueirei-me pelas ruas, à meia lua, já fora, recebendo o ar livre, e segui numa vigilância noturna. Isso nunca havia acontecido.